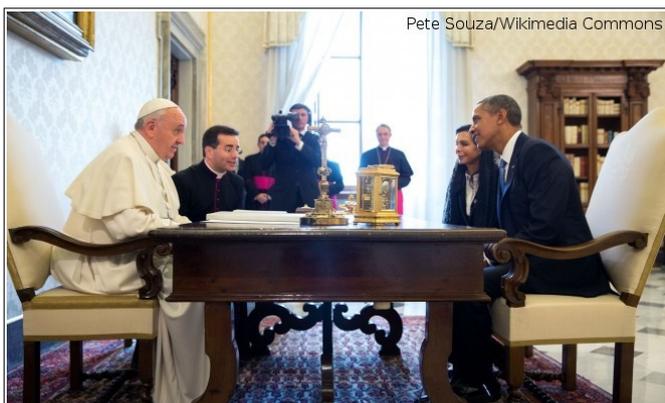


## O Ocidente contra a Rússia, o Vaticano contra a Igreja Ortodoxa

Extraído do livro “*Vatican Imperialism in the 20th Century*”, de Avro Manhattan (1965)  
[http://www.reformation.org/vatican\\_against\\_the\\_orthodox\\_chu.html](http://www.reformation.org/vatican_against_the_orthodox_chu.html)

Traduzido por Pedro A. D. Rezende  
abril 2015



Gigantes agem como gigantes, e por isso, suas empreitadas tem escala gigantesca. Os anos são contados em décadas, as décadas são contadas em séculos, e as áreas geográficas onde atuam abraçam várias nações ou mesmo continentes, enquanto a história de instituições e de raças envolvidas são vistas em perspectivas que não são fáceis de compreender. Devido a isto, suas ações vão escapar a atenção de indivíduos incapazes de perceber seu alcance, e os grandes panoramas históricos

que influenciam permanecem parcialmente obscuros e muitas vezes totalmente invisíveis para a maioria.

A Igreja Católica, mais gigantesca instituição sobrevivente no mundo, é um colosso sem igual em antiguidade, experiência e sobretudo em sua determinação de dominar a humanidade. Para alcançar esse objetivo, ela não pode aceitar e não aceita nenhum rival, não tolera nenhum concorrente, não se acomoda com nenhum adversário, com nenhuma outra instituição gigantesca que, como ela, surgiram ao longo da história.

Para isso ela lutou com estratégias e crueldade capazes de envergonhar os Átilas, Genghis Khan e outros carrascos da nossa civilização. Muitas dessas instituições gigantescas ela levou à destruição, outras ela subjugou em definitivo; várias foram aniquiladas, mas alguns resistiram e aprenderam a escapar de suas artimanhas. Dessas sobreviventes, há uma que lutou incessantes batalhas sangrentas através dos séculos, batalhas que ainda estão sendo travadas em nosso tempo (em pleno século XX<sup>1</sup>), tão ferozmente como nos princípios.

A diplomacia do Vaticano é a mais antiga do mundo. A maioria das diplomacias que ela enfrentou ao longo do tempo já se encolheram a papéis insignificantes ou já foram apagadas pela história. Aos ouvidos modernos, suas muitas intrigas podem soar ocas e irreais na medida em que vão se desassociando dos acontecimentos, cada vez mais desconcertantes nos nossos dias. Mas nem todos os antigos inimigos do Vaticano foram reduzidos a meros marcos do passado. Dentre os adversários que atravessam muitos séculos até o presente, há um que é o mais formidável. Esse adversário é par dissidente do catolicismo na antiguidade, e tão presente em nosso tempo como o próprio Vaticano: a Igreja Ortodoxa.

O antagonismo entre esses dois colossos antigos produziu a mais longa guerra diplomática na história humana, que ainda está sendo travada; tão feroz, impiedosa e inescrupulosamente como sempre. Intrigas católicas contra a ortodoxia, desde a sua criação, são inúmeras. Elas preenchem os anais do primeiro milênio, e do segundo desde o início, quando em 1054 o Patriarca Ortodoxo Mi-

1 A tradução foi feita no século XXI mas o artigo é do século XX

chael Cerulanius provocou a ruptura definitiva entre as Igrejas cristãs do oriente e do ocidente. E até a queda de Constantinopla, em 1453, elas foram proeminentes na história medieval.

O objetivo desta guerra de mil anos é simples: a destruição ou subjugação da Igreja Ortodoxa ou a sua integração voluntária ou forçada à Igreja Católica. Para isso, a falta de escrúpulos da diplomacia Vaticana, antes e depois da queda de Bizâncio (nome pelo qual também é conhecido o império romano do oriente), dificilmente se compara a esforços semelhantes na história. Suas mais ousadas intrigas nesse período ser verdadeiras obras-primas de astúcia diplomática e de jogo duplo.

Conselhos, compromissos religiosos, negociação política, negociações secretas com patriarcas ortodoxos, pactos com os imperadores bizantinos – de tudo foi usado num momento ou noutro para colocar a Igreja Ortodoxa sob domínio. Podemos citar como exemplo o pacto alcançado com o último imperador ortodoxo de Constantinopla, que, em troca de uma promessa de ajuda na defesa da sua capital Constantinopla, contra os exércitos muçulmanos que a cercavam para atacá-la, prometeu ao Vaticano conversão em massa dos ortodoxos ao catolicismo.

Entre o esmagamento do império bizantino em 1453, que foi o primeiro pilar político da Igreja Ortodoxa, e o desmoronamento de seu sucessor, o Império czarista da Rússia em 1917, as relações diplomáticas entre o Vaticano e a Igreja Ortodoxa foram caracterizadas por um período de relativa calma. Isto talvez devido a fatores históricos, dentre os quais o mais importante tenha sido o fato de que a transição do centro da Ortodoxia, de Constantinopla para Moscou, ocorreu gradualmente, ao longo de vários séculos, enquanto suas antigas terras de missões se transferiam para novas sedes, na chamada Santa Rússia, onde a Igreja Ortodoxa veio a desenvolver raízes profundas.

Roma era a sede original do império romano. Com a divisão deste, Roma ficou sendo a sede do império ocidental. Quando o império ocidental caiu, a cidade de Constantinopla, que era sede do império oriental (também conhecido como bizantino) e que veio a ser também da Igreja Ortodoxa, foi chamada por alguns de “segunda Roma”. Assim, quando Constantinopla caiu, e o centro da ortodoxia se transferia para Moscou, esta passou a ser chamada de “terceira Roma”. O escritor Philothee já escrevia, no século XV, que Moscou se tornava a sucessora natural de Constantinopla.

Isto porque o único império ortodoxo que ainda restava no mundo era o russo. A nação russa sozinha se tornou, por isso, a partir daí, o verdadeiro repositório da fé ortodoxa. A ideia de um império ortodoxo tornou-se o supremo ideal do Estado Russo. Igreja e Estado foram integrados, unidos por um propósito comum messiânico. Tendo encontrado solo fértil na Rússia (que já era majoritariamente cristã há mais de 500 anos), a Igreja Ortodoxa logo recuperou seu antigo vigor e esplendor. Mas como antes, cometeu novamente seu antigo e maior erro: identificou-se muito intimamente com o império russo, assim como havia feito antes com o império bizantino.

A partir de 1721, quando o czar Pedro o Grande fez da Igreja Ortodoxa uma filial do seu regime czarista, com a promulgação do seu “Regulamento Espiritual”, até a Revolução Bolchevique, que impôs o comunismo na Rússia, esse cesaropapismo<sup>2</sup> tornou-a invencível contra as maquinações do Vaticano, quase inexpugnável a ataques no campo religioso, diplomático e político. Esta sua imensa força, no entanto, foi também seu calcanhar de Aquiles, pois a queda do czarismo implicaria automaticamente na queda da Igreja Ortodoxa – o que de fato ocorreu em 1917. A partir de então, as maquinações da diplomacia Vaticana foram retomadas com renovado vigor, onde quer que a Ortodoxia existisse – nos Balcãs, na Rússia, no nordeste da Europa, e até mesmo no Oriente Próximo. Instrumentos católicos usados para dificultar, minar, boicotar e subjugar a Igreja Ortodoxa

---

<sup>2</sup>Justiniano e seus sucessores utilizaram a religião para firmar a unidade política e religiosa do Império. Nesse contexto, os imperadores bizantinos assumiram papéis de "representantes de Deus", assumindo a função de proteger a Igreja e dirigir o Estado. Essa união de poderes (estatal e religioso) é chamada de cesaropapismo, ou seja, o comando simultâneo do Estado e da Igreja pelo imperador.

têm sido desde então extremamente variados, valendo-se desde russos caucasianos convertidos até oficiais turcos, começando e terminando com intrigas diplomáticas ou políticagens de todos tipos imagináveis.

Um exemplo notável ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, quando a sorte da guerra colocou o destino de Constantinopla na balança. Imediatamente após o início das hostilidades, Lloyd George, primeiro-ministro da Inglaterra, Basil Zaharoff, empresário grego no ramo de armas de guerra, e Alephterios Venezelos, primeiro-ministro da Grécia, assinaram um acordo pelo qual os gregos ficariam com a cidade, antiga capital Ortodoxa. Isso provocou uma onda de protestos em vários quadrantes. O mais forte protesto, entretanto, não veio de qualquer Estado ocidental, mas do Vaticano.

O governo britânico, a quem coube a decisão final, tornou-se alvo especial do desagrado Papal. Constantinopla nunca deveria ser cedida à Igreja Ortodoxa, era o pedido do Vaticano. Isto foi delicadamente ignorado pelos ingleses. Em decorrência disso, a diplomacia católica passou a procurar apoio em outros lugares, e logo encontrou um aliado em um canto inesperado: um oficial turco chamado Kemal Ataturk, que em pouco tempo dissipou a ansiedade de Roma com uma cruenta vitória em Esmirna, num ponto de virada na guerra civil que ele comandava para tentar fundar um estado muçulmano moderno, a atual Turquia, sobre os escombros do império otomano. A vitória de Kemal nessa guerra civil viria a excluir qualquer chance da Grécia receber a antiga capital Ortodoxa

Kemal Ataturk não demorou a perceber que a identificação entre os interesses da jovem Turquia e do Vaticano poderia ser mutuamente benéfica, e uma aliança tácita, porém efetiva, foi firmada. Os frutos desta aliança foram vários, como por exemplo, a concessão de privilégios especiais para a Igreja Católica em território turco. Mas aos olhos de Roma, o primordial resultado foi que a Igreja Ortodoxa havia sido impedida de voltar à sua antiga e histórica sede.

Enquanto uma nação turca independente existisse, Constantinopla, permanecendo nela, nunca passaria de volta à Ortodoxia. A nova república turca, portanto, precisava sobreviver e prosperar. Seguindo esta estratégia, o espetáculo inusitado do Vaticano apoiar uma nação muçulmana governada por um ditador ateu se tornou um traço discreto da diplomacia católica. Em gratidão pela pressão exercida em seu favor pela diplomacia católica em muitos lugares da Europa, Kemal manteve um entendimento tácito com o Vaticano durante todo seu mandato; Apesar de quase despercebida, essa aliança contribuiu para embrutecer vários interesses em conflito no Oriente Médio.

Kemal Ataturk, que tinha sido o instrumento de "uma grande vitória para o Papa" como escreveu o *Osservatore Romano* ao comentar triunfantemente a vitória militar do Kemal em Esmirna, uma década mais tarde se tornou o instrumento de uma segunda aliança, que simbolicamente foi ainda mais significativa.

O centro da Igreja Ortodoxa desde a fundação do Império Bizantino em 324 DC, tinha sido a grande Igreja de Santa Sofia, que durante mais de um milênio veio a simbolizar a Ortodoxia. Talvez até mais do que a Basílica de São Pedro, em Roma, simboliza a Matriz do catolicismo. De Santa Sofia, os Patriarcas ortodoxos governaram quase como Papas do Oriente, até a queda de Constantinopla. Após a queda, apesar do centro da Ortodoxia ter se deslocado, Santa Sofia continuava a ser seu maior símbolo: a ligação entre seu passado e o presente, e entre o presente e seu futuro, quando a Igreja de Santa Sofia vier a se tornar mais uma vez a Matriz de todos os ortodoxos do mundo. Esse sonho, no entanto, estava prestes a ser quebrado, pelo menos por um período relativamente curto, quando em 1935 Kemal, em um de seus passos mais ousados para modernizar a Turquia, converteu Santa Sofia em um museu de arte Romano-bizantino-cristão e otomano-muçulmano. A humilhação para a Ortodoxia não poderia ter sido mais amarga.

Se a reviravolta causada pela Primeira Guerra Mundial tinha permitido ao Vaticano marcar uma

vitória significativa contra a Igreja Ortodoxa, nela também se abriu um inesperado e tremendo panorama para conquistas à diplomacia católica, com a queda estrondosa e simultânea de dois grandes impérios que até então dominavam parcialmente tanto o Oriente como o Ocidente – os impérios otomano e russo. Isso significava não apenas que caíam duas unidades políticas poderosas, mas também que caíam o califado como elo supremo do Islã, e o czar como chefe supremo da Igreja Ortodoxa, algo que para o Vaticano tinha especial significado. A queda do czarismo, além de ter sido um evento político de grande importância, prenunciava a desintegração do poder da Igreja Ortodoxa, centrado na figura poderosa do czar.

A centralização do poder político-religioso através da fusão de estado e igreja havia feito com que a queda de um implicasse na queda do outro. E foi exatamente isto o que ocorreu. A Revolução bolchevique na Rússia, ao varrer o czarismo, varreu também a Igreja Ortodoxa estabelecida. Esta última caiu não apenas por causa de seus laços com o poder czarista, mas também devido ao peso morto intrínseco que havia assim crescido dentro dela. A Igreja Ortodoxa havia se tornado, de fato, um formidável poder reacionário em seu próprio direito, com tentáculos econômicos que se espalhavam por todos os cantos da Rússia, controlando com mão de ferro as mentes e os corpos de seus habitantes. Ela tinha mais de 80.000 igrejas e capelas, e um exército de 120.000 sacerdotes, completados por milhares de mosteiros e conventos habitados por outros 100.000 monges e monjas. Ela controlada enorme riqueza, sendo proprietária de inúmeras construções e 20 milhões de hectares de terra das mais ricas na Rússia. No momento em que a revolução eclodiu, tinha também um saldo bancário de oito bilhões e uma renda anual de cerca de 500 milhões de rublos.

Sua influência era realmente enorme, e estava a serviço do czar, cujo absolutismo era defendido por padres que para isso entravam para a política. A exceção do monge Rasputin, os clérigos enviados ao Parlamento eram do tipo mais reacionário. A Terceira Duma (parlamento Russo) tinha 45 sacerdotes, nenhum dos quais pertenciam ao partido liberal; a Duma seguinte tinha 48, quarenta dos quais representavam os movimentos mais conservadores. Sempre que havia eleições, a Igreja Ortodoxa apoiava o czar e pregava contra qualquer reforma social ou política.

A Revolução Bolchevique, quando veio, varreu essa formidável máquina conservadora tão impiedosamente como varreu o czarismo. O imenso patrimônio da igreja foi nacionalizado, as escolas foram requisitadas, o clero foi conduzido para a impotência política; em suma, a separação entre o Estado e a Igreja foi realmente concretizada, e a Igreja Ortodoxa, despojada de sua magnificência, da noite para dia foi reconduzida à nua pobreza do início do cristianismo.

Todos estes eventos foram seguidos de perto com sinistro fascínio pela Cúria Romana. Quando enfim os bolcheviques assumiram o poder em 1917, no Vaticano, por incrível que possa parecer, houve júbilo. Se os bolcheviques eram uma ameaça terrível, eles também eram uma “bênção” disfarçada. Eles não haviam derrubado a Igreja Ortodoxa, rival aparentemente inamovível de Roma? Eles não tinham se tornado instrumentos para a subsequente desintegração da Igreja rival?

A Revolução Russa tinha, assim, aberto ao Vaticano um campo imenso para a conquista católica. Uma política ousada poderia agora conseguir o que o catolicismo tinha tentado em vão por mais de mil anos: reabsorver a Igreja Ortodoxa, através de uma conversão em massa dos russos e da incorporação espiritual da Bulgária, Romênia, Sérvia, dos poloneses e ucranianos ortodoxos e todos os outros diferentes grupos de ortodoxos na Europa Oriental, que formam a quase totalidade do mundo ortodoxo.

A resistência ortodoxa contra a revolução soviética não encontrou nenhuma simpatia em Roma. Pelo contrário, ela foi acomodada na esperança de que, ao desafiar o novo governo ateuista, a Igreja receberia um golpe mortal e seria eliminada em definitivo.

Enquanto esperava a Igreja Ortodoxa receber o último golpe que finalmente a enterraria, en-

quanto toda a Europa repetia: "Este Lenin não pode durar" (por Lenin se referindo à Rússia bolchevique) o Vaticano fazia discretamente seus primeiros movimentos na direção de realizar simultaneamente seus dois objetivos principais: um empurrão para atacar pelas costas aquela Igreja rival, que eles acreditavam já estar moribunda, e um grandioso esquema para a conversão em massa ao catolicismo de milhões de ortodoxos.

Um importante personagem no Ministério das Relações Exteriores italiano, Carlo Sforza<sup>3</sup>, foi então abordado pelo Papa Bento XV, através de um de seus mais íntimos confidentes, a quem foi perguntado, sob a promessa de sigilo, se ele poderia facilitar a entrada de um certo número de padres católicos na Rússia. "Vendo minha surpresa," Como relatou depois Sforza:

*Monti (o confidente do Papa) explicou – e era evidente que ele estava repetindo palavras do Papa: "Sua Santidade pensa que mesmo esses crimes e este sangue revolucionários poderão servir algum dia, se vier a ser possível, quando a onda de irreligiosidade passar, tentarmos uma evangelização católica na Rússia. A Ortodoxia não tem mais nenhuma vida enraizada; o seu fim como religião oficial oferece possibilidades que nunca teriam existido enquanto um Czar, seu protetor, continuasse a reinar."*<sup>4</sup>

Ao receber uma resposta favorável, sob as ordens de Bento XV "jovens sacerdotes começaram afoitamente a estudar o idioma russo e a história da Igreja Ortodoxa."<sup>3</sup> Católicos com experiência russa e russos católicos passaram a assumir do dia para a noite altos cargos clericais. O principal deles, um diplomata russo que, depois de ter se convertido ao catolicismo, havia sido ordenado padre católico: Alexander Evreinow. Este passou a ser frequentemente consultado pelas principais figuras da Secretaria de Estado do Vaticano.

De Roma, as atividades do Vaticano se espalharam em direção à Rússia. Negociações entre Roma e Moscou continuaram, mas com resultados variados, pois os bolcheviques tinham aparentemente decidido seguir táticas astutas. Entretanto, no Vaticano, as esperanças de que os seus pacientes esforços acabariam recompensados pela conversão de "um país com 90 milhões de pessoas para a verdadeira religião" permaneciam acesas. "Chegou o momento propício para uma aproximação" (entre o Vaticano e Moscou) – escrevia o *Osservatore Romano*, "na medida em que o círculo de ferro de Cesaropopismo<sup>1</sup>, que fechou hermeticamente a vida religiosa russa para todas as influências de Roma, foi quebrado."

Neste ponto uma pergunta se coloca, em razão de fatos supervenientes. Por acaso a diplomacia do Vaticano não sabia que não se podia confiar nas promessas dos bolcheviques? E se sabia, ou se teve como saber, por que ela continuou negociando? A resposta é simples: as operações eram úteis como preparação do terreno para uma eventual conversão em massa da Rússia, após o regime bolchevique na Rússia se desmoronar. Isto porque a chave para entendermos a diplomacia vaticana, tanto na ocasião como agora, é simplesmente essa. Longo prazo.

Naquele período, forças expedicionárias estavam também sendo enviadas por vários países do Ocidente, mas para sufocar a revolução bolchevique; de fato, forças da Polônia católica tinham invadido o território russo, e os exércitos anti-bolcheviques, patrocinados e apoiados pelo Ocidente, estavam atravessando a Rússia bolchevique na tentativa de provocar sua queda precoce. As chancelarias na Europa estavam zumbindo com planos e contraplanos de todo tipo para abreviar esse novo dia abençoado.

Por conseguinte o Vaticano baseou seus movimentos em uma possibilidade que naquela época era praticamente uma certeza para a Europa diplomática: "...condições políticas reais [internas à Rússia] formam um grave obstáculo [para a catolicização do país], mas esse obstáculo", pontificou

3 [http://en.wikipedia.org/wiki/Carlo\\_Sforza](http://en.wikipedia.org/wiki/Carlo_Sforza)

4 Em Count Carlo Sforza: *Contemporary Italy*, F. Mulker, 1940.

novamente o *Osservatore Romano*, "tem caráter temporário." [pois passou-se a se planejar também a derrubada do regime bolchevique]

Enquanto isso, o clímax das negociações entre o Vaticano e os bolcheviques ocorria, quando em 1922 a Conferência de Gênova ofereceu um incrível espetáculo com o ministro das Relações Exteriores bolchevique, Chicherin, e o representante do Papa, arcebispo de Gênova, brindando um ao outro em público. A diplomacia vaticana pensou que tinha marcado um trunfo, ou pelo menos, que estava prestes a marcar um. No entanto as "concessões" de Chicherin nada mais eram senão uma ampliação da decisão soviética básica de que a separação entre o Estado e a Igreja era fato consumado. Haveria amplo escopo para qualquer Igreja zelosa fazer missão evangelizadora na Rússia. O Vaticano – cujos esquemas eram sempre grandiosos – interpretou isso como favorável a si, e apresentou seus planos para catolicização da Rússia. Mas esses planos logo incorreram em grandes dificuldades, devido às táticas dos soviéticos de arrastarem os pés.

Até que finalmente a diplomacia vaticana entendeu que a questão com os soviéticos era urgente. Isso foi quando os bolcheviques, dando uma interpretação literal à sua constituição, passaram a aplicar a liberdade religiosa com imparcialidade também para diversas entidades protestantes, que também buscavam a evangelização dos russos. Mas pior. Organizações ateias e antirreligiosas de todo tipo também estavam florescendo por todo lado, beneficiando-se da mesma liberdade religiosa, algumas inclusive patrocinadas pelo próprio Estado soviético. E algo pior ainda: a Igreja Ortodoxa, que em Roma se pensava estar moribunda, em vez de entregar resignadamente o seu fantasma, na verdade ainda estava viva, e dando alarmantes sinais de recuperação.

A incursão protestante em terreno que o Vaticano tinha previsto como exclusivamente para si, e, acima de tudo, a recuperação sinistra da Igreja Ortodoxa, convenceram sua liderança que o tempo os pressionava. Generalidades tiveram que ser substituídas por ações concretas, para forçar a mão dos soviéticos. O Vaticano então mudou de tática e a fase paciente, das negociações secretas, acabou-se, dando lugar ao punho de ferro diplomático. Vieram então as pressões indiretas, via nações católicas amigáveis ou aliadas, sobre quem quer que a diplomacia do Vaticano decidisse atacar.

Um mensageiro papal foi enviado à Conferência de Gênova levando uma mensagem cujo conteúdo era simples. Ela pedia que nenhum país assinasse qualquer tratado com a Rússia bolchevique a menos que a "liberdade de praticar qualquer religião" estivesse garantida. Mas liberdade, como o Vaticano explicou ao representante soviético na ocasião, que significasse liberdade total "para a Igreja Católica." No que dizia respeito às outras denominações cristãs (protestantes e ortodoxas), o Vaticano não se opunha a qualquer "medida restritiva" que os soviéticos pudessem tomar contra elas. Anteriormente a isso, o Vaticano havia buscado apoio de alguns países participantes na Conferência, instruindo discretamente representantes católicos e anticomunistas reunidos lá. Mas esses esforços do Vaticano nessa Conferência de Gênova não deram em nada.

Em 1927, ocorreram então as últimas tentativas ambíguas para se obter um acordo entre o Vaticano e Moscou. O Vaticano declarou sua insatisfação com "as propostas soviéticas", e as relações com o governo bolchevique foram definitivamente rompidas. Algo de extrema importância havia, mais do que qualquer outra coisa, feito o Vaticano mudar sua política diplomática: Embora ainda atordoada pelo golpe 1917, a Igreja Ortodoxa tinha se adaptado rapidamente à nova situação. A separação entre Igreja e Estado, que o Vaticano previra que iria matá-la, acabou se tornando um desafio revigorante para a rival. Mais revigorante do que sua ex-identificação com o poder czarista, que indiretamente havia causado sua queda. A ortodoxia logo se reorganizou e, no domínio religioso, já tinha quase recuperado sua antiga força.

Nessas condições, o grandioso esquema original do Vaticano se tornara obsoleto. A política de conversão em massa ao catolicismo foi descartada, e uma nova política foi adotada. Esta nova política se baseou na derrubada violenta de regime soviético da Rússia por ataque militar. Parte do pla-

no original, baseado na premissa de que o regime soviético tinha "caráter temporário", foi readotado. As várias chancelarias do mundo passaram a conceber diferentes esquemas para derrubada dos bolcheviques. Se conseguissem, a Igreja Católica penetraria na Rússia em seu rastro.

No entanto, foi-se tornando cada vez mais evidente que seguir uma estratégia conjunta baseada nesse tipo de "intervenção" era desenvolver uma política cada vez menos realista. Em poucos anos esse plano também foi discretamente descartado, substituído por um outro ainda mais grandioso: a mobilização total do Ocidente contra a Rússia soviética, a ser realizada não mais por intervenção militar direta, mas por uma cruzada ideológica e emocional antibolchevique, em preparação para um eventual ataque militar no futuro.

O novo plano logo se tornou realidade, graças ao crescimento oportuno de um prodígio político tão ou mais sinistro que o bolchevismo: o fascismo, cuja política fundamental era a guerra sem tréguas contra o comunismo. O Vaticano, que já havia feito aliança com seu fundador original, apoiou movimentos semelhantes em todos os lugares que podia, com vistas à conversão de toda a Europa em um monolítico bloco antibolchevique, cujo objetivo final era a invasão militar da Rússia. E em 1931, o Ocidente já havia sido "emocionalmente despertado para a guerra contra a Rússia ateia."

Apenas três anos depois, com Hitler já no poder, este começou a expressar sua ambição de conquistar a Ucrânia; e três anos depois (1936), assinava o Pacto Anticomintern<sup>5</sup> entre a Alemanha nazista e o Japão imperial. A Rússia estava sendo rapidamente cercada por um anel de ferro, do Ocidente ao Oriente. Em mais dois anos (1938), houve a primeira rendição da Europa a Hitler, feita em Munique, onde os quatro poderes proeminentes – as ditaduras fascistas da Alemanha nazista e da Itália com Mussolini, de um lado, e as democracias da Inglaterra e da França, por outro – tentaram resolver o destino da Europa sacrificando a Tchecoslováquia no altar do apaziguamento. Durante esta crise, foi o Vaticano que pediu ao Premier britânico, Chamberlain, para excluir especificamente a Rússia da Conferência. Isto num momento em que a Grã-Bretanha estava justamente buscando um pacto com a Rússia para reforçar o seu cacife de barganha contra Hitler. A exclusão foi fatal: Hitler emergiu vitorioso da Conferência, e a Segunda Guerra Mundial tornou-se inevitável.

No ano seguinte, Hitler ocupou toda a Tchecoslováquia. Durante a Guerra finlandesa em 1939, a Grã-Bretanha e a França, com o Vaticano nos bastidores, instigaram a expulsão da União Soviética da Liga das Nações. Em estreita cooperação com o Vaticano, a opinião mundial foi mobilizada contra ela, numa campanha que foi retratada como uma espécie de cruzada.

Dois anos depois, a estratégia do Vaticano começava a dar seus frutos: Hitler, apoiado pelo poder de um continente europeu nazificado, atacou a Rússia soviética (na maior campanha militar da História, conhecida como "operação barbarossa"). A visão grandiosa imaginada com a queda do czar foi mais uma vez sonhada, embalada por aleluias na basílica de São Pedro. O Instituto Pró Rússia em Roma, que vinha se definindo por tanto tempo, agora pulsava com atividade febril<sup>6</sup>, e os católicos foram convidados a renovar suas devoções a Nossa Senhora de Fátima. Sim, uma promessa da Virgem, tão curiosamente em harmonia com o grande esquema do Vaticano, estava finalmente virando realidade.

Em poucos meses os exércitos nazistas tinham alcançado os arredores de Moscou, Leningrado e Stalingrado. A Rússia Soviética estava prestes a ser destruída. Mas os exércitos nazistas, e as legiões católicas que lutam ao seu lado, depois de seus triunfos iniciais (e russos mortos que ao final passaram de 26 milhões) foram aos poucos sendo martelados de volta. E finalmente, para o horror do Vaticano, foram os russos que entraram em Berlim, ao invés de Hitler entrar em Moscou.

---

5 [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pacto\\_Anticomintern](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pacto_Anticomintern)

6 O Vaticano soube da invasão da Rússia por Hitler com antecedência: veja Ian Colvin: *Admiral Canaris, Chief of intelligence*, 1951 (<http://www.amazon.com/Admiral-Canaris-Intelligence-Ian-Colvin/dp/1443729116>)

A diplomacia vaticana sofria assim mais uma derrota. Porém, mesmo antes de completada a derrota nazista, com sua maleabilidade típica, o Vaticano já havia lançado mais um grande esquema antibolchevique-antiortodoxo. Agora em cooperação com um novo parceiro, este ainda mais poderoso do que o seu ex-aliado nazista – os Estados Unidos da América. A correspondente nova campanha foi lançada enquanto as armas da Segunda Guerra Mundial ainda ecoavam nos campos de batalha da Europa e da Ásia, enquanto as pessoas no mundo ansiavam, com orações em seus corações, por uma era de paz e tranquilidade depois de tanto morticínio.

Assim como após a Primeira, quando a diplomacia do Vaticano passou imediatamente a operar um tal esquema em várias frentes simultâneas, depois da Segunda Guerra Mundial ela lançou outro, não menos formidável e ousado que a anterior. O objetivo final sendo o mesmo, com basicamente a mesma política. Com seus novos parceiros principais cumprindo o papel que a Alemanha nazista havia antes cumprido frente a Rússia soviética, os novos movimentos táticos dirigidos a implementá-lo foram cuidadosamente estudados e implementados. Embora aparentemente desconexos, estes foram na realidade unidos em um padrão global para abarcar o mundo inteiro.

Os principais componentes táticos desta nova estratégia tomaram a forma de: (A) mobilização dos católicos do Oriente Médio; (B) mobilização da Igreja Ortodoxa fora da Rússia; (C) mobilização do Islã; e (D) intensificação geral e mobilização ideológica e militar aceleradas no Ocidente. Estes quatro tipos de maquinação política foram implementados quase em simultâneo, com técnicas bem diferentes das que haviam sido utilizadas após a Primeira Guerra Mundial, quando o Vaticano, não tendo conseguido atacar com suas intrigas a Igreja Ortodoxa dentro da Rússia, mudaram suas operações contra a Rússia para fora dela, para os Balcãs.

Após a Segunda Guerra Mundial o Vaticano começou a mobilizar os católicos do Oriente Próximo e Médio. Foi assim que, enquanto os vários países dos Balcãs se fechavam para a diplomacia católica, o Vaticano tornou-se cada vez mais ativo além dos Balcãs – exemplos incluem os católicos caldeus, principalmente centrados no Iraque, os maronitas no Líbano, os copta-católicos no Egito, os melquitas (gregos católicos), e outros abordáveis nesses territórios, além da Síria, Jordânia e Palestina. Simultaneamente a isso, o Vaticano se aproximou das Igrejas Ortodoxas fora do mundo comunista com vistas a cooptá-las ou, pelo menos, para aproximá-las dos aliados políticos do Vaticano em suas guerras antirussas anticomunistas.

Negociações não oficiais foram iniciadas, mas, devido principalmente à suspeita profundamente enraizada na ortodoxia com respeito ao Vaticano, estas produziram muito pouco resultado. Na verdade parecia que essas igrejas bloqueariam completamente qualquer aproximação verdadeira. A diplomacia vaticana esperou então por algum tempo, e depois recorreu a uma jogada de mestre: Enviar para o Oriente Médio não mais diplomatas católicos, mas representantes dos dois homens mais poderosos do Ocidente: Mr. Myron Taylor, representando o presidente dos EUA e, naquela missão particular representando também o Papa, para visitar a liderança ortodoxa.

Foi assim que quando a guerra fria atingia um auge, em fevereiro de 1949, Myron Taylor chegou a Istambul onde encontrou-se, em sua dupla capacidade, com o Patriarca Ecumênico Athenagoras. O Sr. Taylor apresentou planos concretos para cooperação entre as Igrejas ortodoxa e católica em face da "ameaça comunista à religião," ao mesmo tempo que tentava determinar o "verdadeiro" estado atual das igrejas ortodoxas em países dominados pelo comunismo, e as formas em que o comunismo poderia estar usando essas igrejas para reforçar a sua posição na Europa Oriental e em países do Oriente Próximo. Tendo discutido essas questões, tanto com os líderes ortodoxos como com o Delegado Apostólico na Turquia, para fazer seu argumento em favor da cooperação Ortodoxa mais convincente, Myron Taylor declarou sem rodeios que a cooperação ortodoxa não só era desejada pela Vaticano, mas também "procurada" pelos EUA. A razão do Vaticano escolher Myron Taylor, representante do presidente norte-americano, para encontrar-se com os líderes ortodoxos

orientais foi exatamente dar ênfase a isso.

Esse era o grande trunfo da diplomacia vaticana, tão bem abrigada por trás do enviado americano. Ele os fez lembrar que a Grécia, onde a Igreja Ortodoxa estava mais forte, tinha recentemente sido salva pelos EUA de se tornar um país comunista. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, uma sangrenta guerra civil entre direita e esquerda devastou a Grécia durante vários anos. A Grã-Bretanha havia enviado tropas para reforçar a facção anticomunista, mas a esquerda estava perto de ganhar, devido principalmente ao apoio da população, e os EUA decidiram intervir. Ajuda militar e financeira foi enviada às pressas, a esquerda foi derrotada, e forças de extrema-direita foram instaladas no poder. Ao longo da guerra civil e da intervenção angloamericana, a Igreja Ortodoxa desempenhou um papel primordial, chegando o patriarca grego a até ocupar a chefia do governo.

A Igreja Ortodoxa, tendo se identificado com a direita e com os intervencionistas americanos, teve conseqüentemente o apoio do governo grego patrocinado pelos EUA. A retirada da proteção americana teria significado a queda do governo grego de direita, em cujo caso o destino da Igreja Ortodoxa Grega poderia ser uma repetição em miniatura do destino da Igreja Ortodoxa Russa com a queda do czar. A missão do enviado americano como representante do Vaticano, com sua ênfase na vontade americana de ver a cooperação da Igreja Ortodoxa, era chantagem política de primeira ordem, que o Vaticano fez usando pressão política e não católica.

Precisamente um ano depois, a missão rendeu seu primeiro fruto. Em fevereiro de 1950, Sua Beatitude o Patriarca de Alexandria Cristoforos chegou a Atenas para se encontrar com o arcebispo Spiridon, chefe da Igreja Ortodoxa da Grécia, para um evento da maior importância: a convocação de um Sínodo Pan-ortodoxo. O novo Sínodo, uma vez traduzido em termos menos teológicos, significou um conselho político das igrejas ortodoxas para manter o passo com a guerra anticomunista de seu então protetor, os EUA.

A Igreja Ortodoxa na região comunista reagiu logo depois, quando o Patriarca Alexei de Moscou "estendeu" a jurisdição da Igreja Russa para incluir a Hungria (em março de 1950). Isto foi seguido por um contragolpe da Igreja Ortodoxa Russa nos Estados Unidos, que anunciou ter rompido oficialmente os laços com a Igreja Ortodoxa de Moscou. O Metropolitano Krimowicz, de Massachusetts, foi nomeado Patriarca da Igreja Ortodoxa nos Estados Unidos, e o Metropolitano Jaroshevich, Patriarca da Igreja Ortodoxa em países estrangeiros (em outubro de 1950). Em dezembro de 1951, o Metropolitano Leonty Primaz da Igreja Ortodoxa nos EUA, e os Bispos do Alaska e de San Francisco, nomearam um ex-oficial do exército czarista como o primeiro Bispo Ortodoxo de Washington<sup>7</sup>.

Movimentos e contramovimentos se seguiram em rápida sucessão nos anos seguintes, até que as pontes foram totalmente queimadas de ambos os lados. A Igreja Ortodoxa tinha sido dividida em pedaços, com a parte maior, na Rússia soviética, centro do mundo comunista, e outra nos EUA, centro do capitalismo ocidental. Divisão significa fraqueza: o Vaticano havia manobrado seu oponente para onde tinha planejado manobrá-lo, em prontidão para reduzir ainda mais a sua unidade e, assim, trazê-lo mais perto de sua queda final. Simultaneamente a esses movimentos, a diplomacia vaticana se ocupava em armar um cenário para manobrar uma das maiores forças político-religiosas do mundo, o Islã. Islã, o inimigo histórico do cristianismo, sempre teve grande importância nos planos da diplomacia vaticana contra a Igreja Ortodoxa.

Cautelosas trocas não oficiais entre o Vaticano e vários países árabes, em particular com o Egito, o mais influente país muçulmano no Oriente Médio, foram iniciadas depois da Segunda Guerra Mundial, com resultados excepcionais. Em 1946 uma delegação árabe, composta por cristãos e muçulmanos, fez uma visita oficial ao Papa. E em 1947 o oriente muçulmano fez sua primeira

---

7 Third week of December, 1951 - the Very Reverend Archimandrite Jonah

abordagem oficial à Santa Sé: O Egito trocou representantes com o Vaticano, e instalou em Roma um ministro plenipotenciário. Outros países muçulmanos – como a Síria, o Líbano e o Irã – seguiram o exemplo do Egito, e logo até mesmo nações muçulmanas que ainda não haviam trocado oficialmente diplomatas estavam extraoficialmente em estreito contato com Roma.

A aproximação do mundo islâmico ao Vaticano culminou em 1950, quando o ministro das Relações Exteriores egípcio, Salah ed Din, divulgou que o Egito e o Vaticano tinham realizado negociações secretas e alcançado um acordo para estabelecimento de uma "frente unida muçulmana-católico-romana contra o comunismo."<sup>8</sup> No ano seguinte, Azzam Pasha, secretário-geral da Liga Árabe, foi a Roma onde passou uma semana inteira, encontrando-se com o Papa e outros dignitários do Vaticano: "O tempo chegou para colaborarmos, tanto como nação quanto como entidade religiosa, para o renascimento de um patrimônio comum", declarou ele à Radio Roma, "e ... na criação de uma frente unida entre o Islã e o Cristianismo contra o comunismo."<sup>9</sup>

As bases de uma parceria católico-islâmica tinham sido habilmente plantadas pela diplomacia vaticana, que a partir de então, particularmente durante o período entre 1951 e 1952 e apesar de muitas vicissitudes, continuou a ser solidificado até os dias atuais<sup>10</sup>. O Islã é uma unidade político-religiosa potencialmente formidável. Quem conseguir exercer influência sobre ela, ainda que parcial, exercerá um poder capaz de provocar repercussões políticas e sociais em muitas partes estrategicamente importantes do mundo. A partir do Marrocos ao Egito, Pérsia, Paquistão, Indonésia e de fato, dentro da própria União Soviética (ou, hoje, da Federação Russa), que abriga 25 milhões de muçulmanos, e dentro de China comunista, com outros 50 milhões.

#### As potencialidades do mundo muçulmano como um formidável instrumento político-religioso

8 No Cairo, em 31 de January de 1950.,Mohammed Taber al Omari Bey, Ministro Egípcio para o Vaticano, confirmou isto. A notícia foi negada pelo Osservatore Romano, que a chamou de "*fantastic*" (em 28 de April de 1950).

9 *Universe*. 12 de Janeiro de 1951.

10 **Nota do Tradutor:** O presente texto é de um livro publicado em 1965, mas para ilustrar a natureza profética de sua análise esta tradução acrescenta nesta nota referência a uma matéria de Mathey Buttler, ilustrada com as fotos republicadas nesta. A matéria foi publicada em 22 de março de 2015, em <https://www.intellichub.com/spirituality-new-world-order-one-world-religious-authority-formation> com o título "*Spirituality in the New World Order: Is a one world religious authority in formation?*", onde sua introdução diz:

"Ultimamente tem havido sinais de um empurrão de cima para baixo rumo à globalização da religião, inclusive com chamadas por uma autoridade política mundial sobre a espiritualidade do mundo.

Os mais óbvios vieram em setembro passado, quando o ex-presidente de Israel, Shimon Peres, se reuniu com o Papa pra lhe propor a formação de uma nova 'ONU das religiões', que o Papa encabeçaria. Peres sugeriu que tal organização deve exercer autoridade "inquestionável" para declarar o que Deus quer e o que não quer, a fim de combater o extremismo religioso.

As implicações são enormes. 84% da população mundial tem uma fé espiritual de algum tipo. Juntas, as religiões cristãs, muçulmanas, hindus e budistas são seguidas por mais de 5,3 bilhões de pessoas, e um mix diversificado de crenças populares e religiões minoritárias, como a de Bahai e a Wicca, são responsáveis por quase outra meio bilhão. Com espiritualidade desempenhando um papel central na vida da maioria da população do mundo, ao que parece uma "governança global" não pode deixar de levar em conta a religião.

Vários teóricos sugerem que uma "Religião mundial" irá emergir como parte de uma "Nova Ordem Mundial". É possível que pessoas poderosas na elite global a desejem – se não uma verdadeira e monolítica fé mundial, ao menos uma hegemonia global sobre a espiritualidade do mundo. Mas as religiões e seus seguidores podem ser influenciados por uma autoridade humana central? Se assim for, isso significaria um modelo semelhante de globalização de cima para baixo através de organizações multilaterais como implantados na política, economia e comércio, seria lançado para a espiritualidade.

Mas quão nobre são as intenções daqueles vendendo essa idéia? A sua retórica é idônea? Um exame mais atento sugere um regime deste tipo seria altamente suspeito, e parte de uma agenda mais ampla com implicações nefastas. Antes de sua reunião de setembro com o Papa para discutir a formação de uma 'ONU das religiões', Shimon Peres detalhou suas idéias em uma entrevista à revista católica italiana *Famiglia Cristiana*."

Tal iniciativa é condizente com estratégias bíblicas de edomitas, hoje camuflados de judeus, consideradas no estudo sobre Edom publicado pelo tradutor em <http://www.cic.unb.br/~rezende/iman/#estudos>

anticomunista e antirrusso não escapou à atenção de um outro poder anticomunista (hoje antirrusso), os EUA. A mobilização dos países islâmicos junto aos EUA havia sido iniciada pelo próprio Roosevelt, que, pouco antes de sua morte (em 1945), estava tentando reunir-se com Ibn Saud, da Arábia Saudita, com o rei Farouk do Egito e outros, para propor a integração do Oriente Médio e o Próximo no âmbito da política externa global dos EUA.

Desde então, os interesses anglo-católicos correram em convergência, até que, em alguns poucos anos, eles se transformaram numa verdadeira aliança. O poder material dos EUA e do poder espiritual da Igreja Católica, através da mobilização da influência religiosa do Islã e as políticas energéticas do mundo árabe, tinham cercado a Rússia soviética (hoje Federação Russa) em um ringue político-religioso de ferro, precursor de um cerco militar.

Objetividade: para os EUA, a destruição de um poderoso inimigo econômico e ideológico; e para a Igreja Católica, a destruição não só (antes) do comunismo, mas da Rússia soviética (hoje federada), do novo protetor de seu rival religioso, a Igreja Ortodoxa. Nos séculos passados, o Vaticano planejou teimosamente com o Império Turco, com o Império Austríaco, com os muçulmanos, budistas e outros potentados para provocar a queda da Rússia czarista de modo a enfraquecer a Igreja Ortodoxa.

No século XX, o Vaticano planejou, com igual pertinácia, com a Europa que surgiu dos escombros da Primeira Guerra Mundial, com o fascismo e o nazismo antes e durante a Segunda Guerra, para provocar a queda da União Soviética, para paralisar a regeneração da Ortodoxia. E depois da Segunda Guerra Mundial, continuou com suas implacáveis conspirações, agora junto com os EUA, com uma Europa dependente, com nações árabes e outros países asiáticos dependentes do dólar, para aniquilar a URSS a fim de, mais uma vez, tentar subjugar sua rival ortodoxa.

Seguindo o cambiante habitat do mundo político, o Vaticano renovou suas tentativas de cortejar a Igreja Ortodoxa com o plano de "diálogos" iniciado pelo Papa João XXIII – uma política de lisonjas em vez da antiga política de intrigas. A nova política logo rendeu dividendos incomuns: relíquias foram devolvidas, como por exemplo o crânio de Santo André, que tinha descansado na Basílica de São Pedro, em Roma, desde 1462, enviada de volta em 1964 pelo Papa Paulo VI ao seu lugar original, Patras, a pedido do Metropolitano Ortodoxo de Patras.

E foram também estabelecidas relações aparentemente cordiais com a ortodoxia tradicionalmente mais rabugenta. Como resultado, o maior corpo ortodoxo do mundo, o Patriarcado de Moscou, finalmente concordou em convocar uma Conferência Pan Ortodoxa para discutir "um diálogo" em igualdade de condições com Roma. Esta foi precedida de uma reunião única até então: a do Patriarca Atenágoras de Constantinopla com o Papa Paulo VI em Jerusalém (em janeiro de 1964), seguido em 1965 pela elevação de vários cardeais das igrejas orientais em comunhão com Roma.



Pope Francis with Shimon Peres in June 2014. Source: UltimasNoticias

Naquele mesmo ano, as 14 igrejas ortodoxas participantes na Conferência Pan-ortodoxa em Rhodes enviaram uma delegação a Roma para estabelecer o primeiro contato formal com o Vaticano desde a última das tentativas da União, em 1439. O "diálogo" continuou após o Concílio Vaticano II ter se encerrado. Mas, apesar desse progresso formal, a profunda rivalidade entre as duas Igrejas permanece. O principal

medo básico da Igreja Ortodoxa, de absorção final por Roma, continua sendo o maior obstáculo

infernizando a relação entre ambas<sup>11</sup>.

Nunca se deve esquecer que as intrigas católicas têm como objetivo final a aniquilação de um inimigo religioso que Roma está mais determinada do que nunca a limpar da face da terra, ou a reduzir à subjugação total: a sempre ressurgente Igreja Ortodoxa, inimiga milenar que ela jurou demolir e destruir, junto com qualquer inimigo político ou ideológico que se dispôr a protegê-la.

---

11 **Nota do Tradutor:** sob a perspectiva do momento geopolítico vivido quando desta tradução (18/04/2015), infernizando também a relação entre todas as nações da Terra, até a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo.